

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium tri-
umphii Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID 13. 14.

GUIMARÃES 30 DE JULHO DE 1885

O «Angelus»
e o Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Sr.
Bispo d'Angra

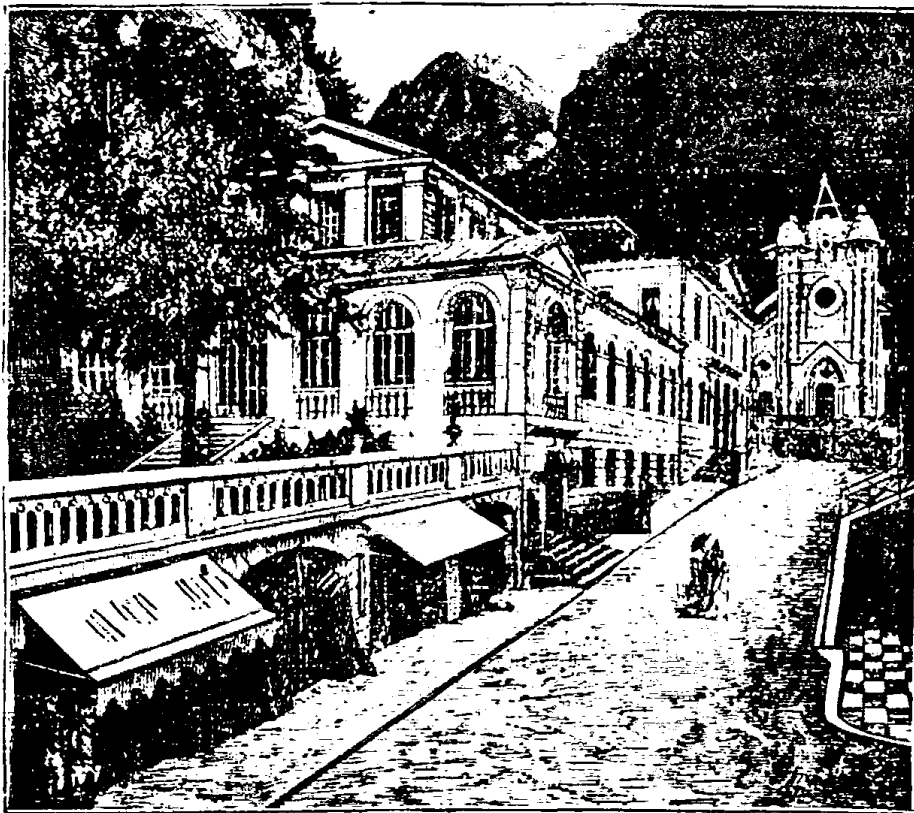
HOJE que tão indifferente se escuta o toque do *Angelus* ou das *Ave Marias*, mormente nas principaes cidades e povoações; quando ha vergonha de tirar o chapéo ao ouvir essas poéticas badaladas, que tanto alegram os habitantes dos campos, e que tanta devoção despertavam a nossos antepassados, achamos muito a proposito a publicação da seguinte carta circular que o dignissimo Bispo de Angra, esse esplendido luminar da Fé, fez chegar ao conhecimento de todos os parochos e curas capellães da sua diocese.

Muitas pessoas ha que ignoram o que significa esse toque das *Ave Marias*, e multissimas que o ignoram e nem o querem saber. Seja, pois, para os primeiros, a seguinte circular e instruções:

Circular aos Mt.º Rvd.º Parochos
e Curas Capellães

Por Breve de 14 de Setembro de 1724 concedeu o Santo Padre Benedicto XIII a todos os fleis, que ao signal ou toque do sino pela manhã, ao meio dia e depois de posto o sol recitassem elhos todos os dias os ver-

sos *Angelus Domini*, etc. com tres *Ave Marias*, indulgencia plenaria todos os mezes no dia em que, confessando-se e commungando, orassem pela Sancta Igreja etc. indulgencia de cem dias por cada vez que verdadeiramente arrependidos, recitassem os ditos versos como fica dito.



AGOAS BOAS, ESTABELECIMENTO BALNEAR EM FRANÇA

Benedicto XIV por Breve de 20 de Abril de 1742, confirmou as ditas indulgencias, declarando que os ditos versos se recitassem de pé em todos os domingos do anno, começando das primeiras vespersas, isto é dos sabbados de tarde; e que no tempo paschal recitasse de pé quem a soubesse de cor a antiphona *Regina Caeli*, etc. com o versiculo e oração competente, em logar do *Angelus*, ganhando as mesmas indulgencias.

Para, porém, se poderem lucrar era necessario que os ditos versos, Ave Marias, Antiphona e oração se recitassem na occasião em que de manhã, ao meio dia e ao anoitecer se tocasse o sino para o mesmo fim, e que fossem recitadas de joelhos, a não ser durante o tempo paschal, nos sabbados de tarde, e nos domingos de todo o anno.

Mas como muitas pessoas não ouvissem o toque do sino para aquelle fim, outras não podessem ajoelhar n'aquella occasião, e muitas outras não soubessem recitar os ditos versiculos, antiphona e orações; houve por bem Sua Santidade Leão XIII, actual Presidente da Igreja de Deus, em 15 de Março do anno proximo passado, conceder que lucrem as mencionadas indulgencias os fleis que não ajoelhassem n'aquella occasião

por legitimo impedimento, e ainda que não ouçam o toque do sino; e igualmente concede ás pessoas que não souberem aquelles versiculos, antiphona e orações lucrem as mesmas indulgencias resando cinco *Ave Marias dignè, attente ac devote*, tanto de manhã como ao meio dia e ao anoitecer. O que foi publicado por Decreto da Sagrada Congregação das Indulgencias de 3 de Abril de 1884.

Para que pois os fleis tirem

d'esta benigna concessão os desejáveis effectos, cumpre que os M.^l Rvd.^l Parochos e Curas Capellães deem conhecimento d'ella a seus respectivos freguezes, mostrando-lhe as grandes vantagens espirituaes que se podem tirar das indulgencias em geral e recommendando-lhes que não despresem as que podem lucrar d'esta pia e facil devoção.

E com o mesmo fim, terão muito cuidado em que em suas respectivas egrejas nunca deixe de se dar o toque do costume para este fim; e no ensino de doutrina christã ensinarão os ditos versículos, antiphona e orações em lingua vulgar, que em seguida a esta circular irão transcriptos, expondo a sua excellencia e vantagens espirituaes que se podem tirar da recitação das mesmas, ou das cinco *Ave Marias*, quando se ignorem os ditos versículos, antiphonas e orações.

O que tudo havemos por mui recommendado.

Quinta do Immaculado Coração de Maria em 23 de Maio de 1885.

João Maria, Bispo d'Angra.

Versiculos para se rezarem pela manhã, no meio dia e á noite

EM PORTUGUEZ

- Ÿ. O Anjo do Senhor annunciou a Maria.
 R. E Ella concebeu do Espirito Santo.—Ave Maria.
 V. Eis aqui a escrava do Senhor.
 R. Faça-se em mim segundo a vossa palavra.—Ave Maria.
 Ÿ. E o filho de Deus se fez Homem.
 R. E habitou entre nós.—Ave Maria.
 Ÿ. Rogae por nós, Santa Mãe de Deus.
 R. Para que sejamos dignos das promessas de Christo.

ORAÇÃO

Infundi, Senhor, como vos supplicamos, a vossa graça em nossas almas, para que nós, que pela annunciação do Anjo, viemos no conhecimento da Incarnação do Vosso Filho, pela sua Paixão e morte de Cruz sejamos conduzidos á gloria da Resurreição. Pelo mesmo Jesus Christo Nosso Senhor.

R. Amen.

No tempo Paschal, que é desde o sabbado d'Alleluia, inclusivê, depois de vespas até ao sabbado antes da SS. Trindade, em lugar d'estes versículos, disse a seguinte Antiphona sempre de pé.

Rainha do Céu, allegrai-vos alleluia.

Porque O que merecestes trazer em vosso ventre, alleluia.

Resuscitou como disse, allel.

Rogui por nós a Deus, allel.

Ÿ. *Rogai-vos e alegrai-vos Virgem Maria, alleluia.*

R. *Porque o Senhor resuscitou verdadeiramente, alleluia.*

ORAÇÃO

O Deus, que vos dignaste alegrar o mundo com a Resurreição de vosso Filho e Senhor nosso Jesus Christo: concedei-nos, que por sua Mãe Santissima, a Purissima Virgem Maria, consigamos os ineffaveis gozos da vida eterna. Pelo mesmo Senhor Jesus Christo. R. Amen.

SECÇÃO RELIGIOSA

Caridade

Maior autem caritas! Sendo tres as Virtudes Theologicas, diz S. Paulo que a maior e a Caridade. Sem esta tudo o mais é perdido. Assim o sentiu S. Vicente de Paulo, assim o sentem aquellas angelicas entidades, que têm este Santo como seu Patriarcha, e têm a designação de *Irmãs de Caridade*, e têm o nome do que exercem.

São aquellas *Irmãs* verdadeiras heroínas, pois que não ha gravidade de perigo que as affaste, e antes o perigo e para aquellas *Irmãs* um attractivo não por temeridade mas por caridade: o valor do soldado ou do general não excede aquelle valor; e pertencem ao sexo fraco physicamente, mas piedoso por excellencia «*pelo devoto sexu feminino*» diz e ora a Santa Igreja.

A Historia das *Irmãs da Caridade* é um Livro, cujas paginas milhonesimas por milhonesimos modos só dizem *uma cousa*: O sacrificio da vida pelo amor de Deus, e do proximo pelo amor de Deus! E os capitulos de aquelle Livro vão sempre crescendo, e agora se lhe ajuntou, e ainda não é acabado, o *Capitulo do cholera* na peninsula Hispanica em 1885, flagello com que Deus a

visitou! e que nem os da arte de curar conhecem a fundo, e talvez porque a humildade dos homens não se tem manifestado de modo a suspender o Braço Divino; e continuarem elles no naturalismo de Erro! Brilhantissimo de caridade vai já o novo capitulo d'aquelle Livro, agora escripto e a este junto mas ainda correndo, pois que a epidemia continua n'esta peninsula, tendo a Divina Misericordia poupado Portugal até este momento! Uma voz unisona acclama em Hespanha as *Irmãs da Caridade* pelos eminentes serviços caritativos feitos por estes anjos no meio de aquelle flagello e rendidos aos enfermos de cholera. E Deus tem querido, que taes serviços tenham ainda o sello posto por Sua Divina Mão, qual o do *Martyrio* recebido por um modo particular por as *Irmãs* alludidas, adoeccendo e morrendo algumas da epidemia de que ellas estavam tratando os atacados. Segundo um *telegramma* de Valencia não desce de 320 o numero das *Irmãs da Caridade* que já têm sido atacadas do cholera.

Um correspondente de Valencia para o *El Estandarte* diz que morreram lá do cholera 16 *Irmãs da Caridade*, e que estão enfermas do mesmo morbus 15 das *Irmãs* do mesmo Venerando Instituto.

O republicano Castellar disse ha pouco na Camara dos *Deputados* em Madrid, referindo se á epidemia cholericca em Hespanha: «que não se fizesse do cholera uma questão politica. Enviemos (continuou elle) todos unidos a benção da patria aos governadores que estão cercados pela morte e pela desgraça: aos practicantes e aos medicos, victimas de flechas invisiveis mais para temer que as balas dos combates; aos Bispos que vão de casa em casa e de choça em choça, repartindo o seu dinheiro e as suas consolações: e sobre tudo, a essas bemditas *Irmãs da Caridade*, verdadeiros anjos quo, se não enviam a Deus os espiritos que voam da Terra, levam ao moribundo a voz do amor e o conforto da Religião!» Castellar foi justo e sublime em taes palavras, que demonstram uma alma que se mostraria sempre grande se por vezes se não deixara tomar dos fumos negros «do tempo»!

Até hoje, «graças á Misericordia Divina!» Portugal tem sido poupado, agora, da epidemia cholericca, mas não sabemos o que Deus terá disposto para depois; e é assim, que as *Irmãs da Caridade*, da

designação especial de *Hospitaleiras* sem differença de *essencial*; é assim que taes *Irmãs* se offereceram já á *authoridade publica* para todo o serviço de que são dignissimamente capazes, na hypothese da entrada do *chorela* em Portugal, do que A Divina Bondade Misericordiosissima se digne livrar-nos! Como *amos-tra* do quanto o referido *offerecimento* é verax e decidido, referimos um factó, aliás já conhecido de tantos. Em Famalicão (ca no Reino Lusitano) foi separado do Hospital e *isolado* n'uma casa um homem, cuja doença foi tida em suspeição de *chorela*; uma das *Irmãs da Caridade*, das que estão encarregadas do Hospital d'aquella terra, offereceu-se immediatamente para assistir aquelle enfermo *isolado*; o offerecimento foi accete e aquella *Irmã* tomou o seu caritativo e heroico posto, tractou do doente até este *dar alma a Deus*, ajudando-o a *bem morrer*, e dando sua missão por linda n'aquelle lugar e momento com as orações de *Requiem* pelo Eterno Descanço do fallecido! Isto seria bastante para se argumentar com segurança para o bem *immense* que ha a esperar por aquellas *Irmãs* se não formos poupados do *chorela* por Determinação Divina!

É mesmo sem *epidemia* não têm já rendido, e não estão rendendo em Portugal e em parte das suas *Colónias*, assignalados serviços de caridade aquellas *Irmãs*? todos o sabem; e até os seus *inimigos* os têm experimentado, tornando-se de pois *por isto* seus apologistas e defensores. Quanto ás medidas *pre-ventivas* tomadas pela *authoridade civil*, diremos: que Deus quer que façamos da nossa parte; porém mal irá o homem que não se prevenir com a sua reconciliação e paz com Deus! é este o *preventivo* e o *remedio*, que mesmo *humana* ou *temporalmente* considerado é indispensavel, é base para a *cura*, pois que mal assentarão os *remedios da botica* no que tem no seu espirito a *doença dos remorsos*: não professamos a *Medecina*, não obstante poderíamos provar e practicamente o que acabamos de dizer, que aliás se evidencia pela consideração indiscutivel do que é o *homem e para que é o homem*: é a *creatura feita á imagem de Deus*, e é *para Deus*!

Dom Antonio d'Almeida.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante a rasão

(Continuado do n.º antecedente)

V

Jesus Christo

O dogma da redempção foi uma das verdades reveladas — No Genesis apparecem mysticas significações de Jesus. — Prophecias de David, Micheas, Isaias e Daniel e de Jeremias sobre a dispersão do povo Hebreu — Opinião de Tacito, Suetonio e Josepho sobre a vinda do Messias — Character e condições do povo Judeu — Os phariseus, escribas, saduceus e essenos — Opinião de Josepho sobre os vicios do seu povo.

MUITOS povos abandonaram a tradição do culto verdadeiro, inventando o torpe e depravado paganismo, cuja moral autorisava todos os vicios e desvarios do genero humano.

A deificação da natureza e o culto vil a seres materiaes, foram o maravilhoso invento da intelligencia, tão adulada hoje pelo racionalismo: e entre a confusa e absurda variedade de symbolos, mythos e lendas, só *por sua belleza litterario* se distingue a poetica theogonia (1), que Hesiodo escrevera em versos immortaes.

Os grandes genios d'aquelle tempo não poderam corrigir tão grande desvairamento, ou por causa da sua propria offuscação, pelos obstaculos da politica, ou pelo falso principio que seguiram de respeitar todos os cultos.

As deidades, personificação do vicio, continuaram nos seus templos inundados do sangue de victimas humanas, e os planetas recebiam culto, e o homem humilhava-se devoto ante o mais immundo insecto, ante o mais torpe quadrupede, ante o vegetal mais desprezível.

A tão lamentavel extremo chegou o abatimento e degradação humana quatro mil annos depois da sua origem prodigiosa, segundo a sabia e razoavel cosmogenia de Moysés.

O culto verdadeiro era apenas conhecido por um povo pouco numerozo e desgraçadamente dividido nas suas crenças (2).

(1) Geração dos deuses

(2) Entre os Judeus existiam as setas dos phariseus, escribas, saduceus e essenos.

Tantas preocupações e erros tão grosseiros não poderam ser desvanecidos pelos sabios, e se algum, como Socrates, intentou illustrar a offuscada intelligencia, foi victima do fanatismo.

A sciencia humana era insufficiente e não podia conter tão geral depravação; foi necessario para esta obra a sabedoria eterna, e veio Jesus Christo ensinar os preceitos revelados, dissipando as trevas que envolviam a sua doutrina em vaporosa escuridade.

Appareceu finalmente o culto verdadeiro despojado de symbolos e de figuras.

O ensino christão com a sua moral sublime arrancou os homens á idolatria, collocando-os de novo na sua perdida jerarchia, e dentro dos divinos desiguios para que foram creados pelo Ser Supremo.

A origem da religião christã sobe á primeira idade do mundo, porque teve o seu principio na queda do homem primitivo, a quem o peccado privou da graça divina.

Castigada justamente esta culpa, foi tão grande o arrependimento e a dor d'aquelles homens, que alcançaram misericordia de Deus; mas sendo necessaria a reparação do gravissimo peccado original, foi-lhes promettido um Redemptor, que nascendo do genero humano fosse semelhante ao homem em tudo menos na culpa, e que fosse filho de Deus e igual a Deus, unido em sua unica pessoa divina duas naturezas, uma mortal e outra divina, com entendimento humano e divino, com vontade humana e divina e uma memoria humana: para preencher enfim as condições de mysterio tão sublime, era preciso que o Verbo divino, Deus, igual ao Pai e ao Espirito Santo descusse entre os homens, revestindo-se de carne humana no casto seio d'uma donzella pura e sem macula.

Este dogma santo foi uma das verdades reveladas que os patriarchas transmitiram a seus descendentes, e de geração em geração chegou ao povo judeu, em cujas venerandas escripturas se encontra repetida a promessa que succintamente exporemos.

A nobre raça de Jacob produziu um homem extraordinario, a quem Deus confiara a missão de libertar o povo hebreu

tyrannicamente detido no Egypto: e este caudillo cumpre a vontade divina, conduzindo os fugitivos israelitas pelos desertos da Asia, constituindo-os em sociedade politica depois de os fazer comprehender as leis promulgadas no Sinai.

É mil annos antes de Herodoto (1) florescer, escreveu Moysés o Pentateuco, admiravel collecção de cinco livros em que refere com especial exactidão a historia da criação e do genero humano, consignando ao mesmo tempo os annos do seu povo, para o qual escreveu um código sagrado, politico e civil, e todos os regulamentos sumptuarios, de hygiene e de policia de que pudesse necessitar a nação melhor constituida.

No primeiro d'estes livros, que é o Genesis, apparece mysteriosamente figurada a nossa sancta redempção, dogma admiravel de que nos offerecem repetidos exemplos as mysticas significações de Abel, Henoch, Noé, Abrahão, Melquisedec, Isaac, Jacob e José.

É clara e evidente a prophécia que revelam as palavras com que Deus amaldiçoou a serpente.

Eu porei inimidades entre ti e a mulher; entre a tua posteridade e a d'ella. Elle te pizará a cabeça, e tu procurarás morder-a no calcunhar (2).

O Patriarcha Jacob abençoa seus filhos pouco antes de morrer, dirigindo a Judá palavras propheticas.

Não será tirado de Judá o sceptro nem o príncipe que proceda d'elle, menos que não venha aquelle que deve ser enviado, e este será a expectação das gentes (3), e sabendo que sua alma devia esperar a promettida redempção no lugar que aos justos estava destinado, exclamou com fervorosa confiança na vinda do Messias:

«Senhor, eu esperarei a salvação, que tu has de enviar» (4).

Antigos vaticínios annunciaram o nascimento do nosso divino Redemptor e todos os successos de sua vida com particularidades tão exactas que indubitavelmente determinam a pessoa de Jesus.

Occupar-nos-hemos d'estas

prophécias admiraveis, depois de recordarmos um facto historico e de fazermos algumas reflexões sobre a authenticidade d'aquelles livros e do esmero com que foi conservada a pureza do seu texto.

(Continúa.)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.

SECÇÃO HISTORICA

O convento da Madre de Deus, de Sá, de Aveiro

(APONTAMENTOS HISTORICOS)

VISTO ter sido extinto este convento, vou publicar alguns apontamentos historicos, que a respeito d'elle tenho podido recapitular.

Desculpem-me os leitores a forma desprezenciosa e quasi familiar, com que vou expor o pouquissimo, que tenho podido colher com relação a esta casa religiosa. Recordações de familia faziam-me ter, por ella, uma dedicada sympathia. Por isso, entendo cumprir um dever, não ficando silencioso n'esta occasião. Deixo, porém, livres as opiniões dos que foram a favor ou contra a extinção d'este convento. O meu fim é meramente historiar, pedindo, ao mesmo tempo, a pessoas mais habilitadas e mais conhecedoras da historia do convento de Sá, suppram, com seus talentos e saber, o muito, que, n'esta narração, deve faltar. E, se mais tarde, tiver novo conhecimento de factos a tal respeito, dignos de mencionar-se, não deixarei de os narrar n'um additamento.

I

Acclamado D. João IV, em 1640, foi declarada a guerra entre Portugal e Hespanha. Por essa occasião, a villa de Almeida, (situada no actual ditricto da Guarda), soffreu bastante com as invasões das tropas, que ali estacionavam, e, por mais de uma vez, foi theatro de terriveis perturbações.

Havia ali um convento da Ordem Terceira de S. Francisco, sob a denominação de Nossa Senhora do Loreto.

Em virtude das inquietações, que lhes causava o estado bellico d'aquella villa, resolveram as religiosas de Nossa Senhora do Loreto deixar a sua casa e recolher-se á povoação, onde, em socorro, pudessem continuar a vida do claustro. Sabendo isto D. Brites de Lara e Menezes, tia de D. Raymundo da Alen-

castre, 4.º Duque do Aveiro, convidou-as a que se retirassem d'Almeida, e em Aveiro se refugassem, recolhendo-se a umas casas, situadas no *Terreiro*, as quaes pertenciam á mesma senhora e onde, em 1638, se fundou o convento de carmelitas descalças.

Em 1644, sendo provincial da Ordem Franciscana Fr. Manoel Botelho, obtido o regio beneplacito e mais licenças do estylo retiraram-se, do seu convento d'Almeida para Aveiro, algumas religiosas. Ainda outras ficaram n'aquella villa, já por serem d'ali naturacs e terem alli suas familias; já por motivos, que não importa saber.

Acompanhadas do Padre Provincial e de outros religiosos da sua Ordem, chegaram a Aveiro no dia 22 de julho d'aquelle anno. Hospedaram-se nas referidas casas de D. Brites de Lara, que as tratou com todo o desvello e caritativo agasalho.

II

Manoel Barretto Serniche, fidalgo da casa de Sua Magestade, instituiu um vinculo com o onus de um hospital, annexo á irmandade de Nossa Senhora da Alegria, e fundado na *casa e horta* que o mesmo fidalgo possuia no *logar de Sá*, juncto a Aveiro.

Este lugar de Sá pertencia então ao Concelho de Ilhavo, e era dominio da illustre casa dos Almadás. No entanto, o territorio, em que ficava o convento, e uma grande parte das casas, que lhe estavam proximas, pertenciam á freguezia da Vera-Cruz d'Aveiro; e á freguezia de Santo André de Esgueira pertenciam algumas das casas, que ficavam mais ao Nascente.

A capella da Senhora da Alegria, onde estava fundada aquella irmandade, ainda existe e é no antigo lugar de Sá, hoje bairro do mesmo nome, e um pouco distante do local, onde era o convento.

D. Maria Ferreira, viuva de Manoel Barretto Serniche, em permutação do que este havia testado, fundou o convento da Madre de Deus no sitio da mesma *horta e casa*, que para hospital fora deixado por seu marido.

Concluido o edificio, destinado para convento, e que, nos seus principios fora de acanhadas proporções, chamou para elle, D. Maria Ferreira, as religiosas, vindas de Almeida.

Em 2 de agosto d'aquelle anno, acompanhadas dos frades de S. Domingos e de toda a nobreza d'Aveiro, se passaram aquellas religiosas, da casa de D. Brites de Lara, para a sua casa de Sá, que logo foi transformada em clausura. Neste dia houve ali uma solemne festividade com o SS. Sacramento Ex-

(3) Cognominado pelos Gregos-pae da historia.

(4) Gen., cap. II, v. 13.

(5) Gen., cap. ALIX, v. 10.

(6) Gen., cap. ALIX, v. 18

posto, jubileu e sermão de manhã e de tarde.

Com aquellas religiosas, entrou tambem, na mesma occasião, D. Maria Ferreira, que ali acabou seus dias, deixando o convento herdeiro de seus bens, como consta do seu testamento, approved, em 25 de agosto de 1746, por Manoel Sociro, tabellião de villa de Ilhavo.

Nos seus principios, era este convento destinado somente para 24 religiosas. Em capitulo geral, celebrado em Lisboa no convento de Nossa Senhora de Jesus, aos 23 de março de 1669, sendo provincial o padre mestre Jubilado, Frei Jeronymo de Abreu, se decidiu, que este convento tivesse 70 religiosas. O numero d'estas chegou a 75, mas foi diminuindo, em virtude da falta de meios, por cujo motivo tinha somente 65 religiosas, em 1770.

N'este anno foi feito o archivo d'aquelle convento por o padre Pregador Fr. Francisco de Nossa Senhora das Mercês e Silva, sendo abbadessa D. Josepha da Estrella Rosa de Vasconcellos.

III

Este convento, segundo se vê em alguns escriptores, não teve nunca padroeiro. Os seus rendimentos não eram muito avantajados. Em alguns annos chegou a ter somente 700\$000 reis de renda. Os dotes, esmolos e deixas foram largamente gastos na construcção do edificio, que era o segundo na preeminencia e o melhor, que, d'aquella Ordem, havia no reino.

Era alto, com frontispicio regular e symetrico; mirantes e 15 janellas na frente principal do edificio, a qual ficava ao longo da rua, que segue para a estrada de Esgueira. Tinha grande cerca, pomares e fontes; e, das janellas do edificio, se podia gosar uma agradável vista para a cidade e para o campo.

O edificio do primitivo convento limitava-se a umas casas de acanhadas proporções e de singela apparencia.

Essas casas haviam pertencido a uma familia de appellido *chamorros*, e foram compradas por Manoel Barretto Serniche para o hospital, de quo já fallei.

Nestas casas viveu, cerca do anno de 1567, um fidalgo, chamado André Dias Cardoso, depois de ter voltado de Madrid, para onde se retirou em virtude de umas desavenças, que tivera com o juiz de fóra d'Aveiro.

Os côros d'esto convento eram vastos, e não muito simples. No *coro de baixo* havia um altar, dedicado ao Senhor *Ecce-Homo*. No *coro de cima* havia as cadeiras, onde se sentavam as religiosas, como é costume em todos os conventos. Neste mesmo *coro* havia algumas imagens e retabulos, de bastante merito, como em diversas partes do edificio.

Junto do *coro de cima* e da parte da Epistola havia uma capella, onde estava um *prozepio* e, alem d'outras, a imagem do Senhor dos Passos e a imagem de N. Senhora da Boa Morte. Esta imagem estava n'um tumulo em forma de barca, onde podia ser levada processionalmente, como n'um andor. Assim aconteceu em 1865 e em 1865. Colocava-se no centro da igreja sob um docel, quando, a 15 de agosto, se fazia a festividade da Senhora da Boa Morte. Esta festividade era uma das melhores d'Aveiro.

Defronte d'essa capella e do lado do Evangelho estava o orgão. Este era de grandes dimensões e com figuras em alto relevo, porém nunca chegou a ser pintado. Tinha muitos *registos*, e estava muito bem conservado.

Ouvi dizer a um individuo, que ha annos o concertara, que este orgão era o melhor ou um dos melhores, de Aveiro.

(Continúa)

Rangel de Quadros.

SECÇÃO CRITICA

Causas da Revolução

QUANDO as camadas sociaes eram agitadas por um sopro de fé, amor e liberdade, acoitava-se do claustro á sombra a virtude, a sciencia e a esperanza.

Depois que os ventos da Revolução paicaram sinistros por sobre a terra, principiou de sentir-se um prurido espantosamente horrivel de devastação e derruimentos, e a sociedade, amedrontada, tremeu, e recebeu pela sua liberdade.

Após essa ventania, esse vendaval estúpido e atheu, as corôas dos reis foram partidas nas praças publicas, e as frentes regias, foram curvadas sobre o patibulo infamante, que em breve mostrou ás turbas, ávidas de sangue, uma cabeça decepada, e um corpo que se debatia em charcos de sangue.

Cuida a realza, a plebe dirigiu-se ao mosteiro, e os horrores praticados então dil-os-ha a historia quando penas imparciaes a escreverem.

Derrocado o mosteiro, profanada a casa de Deus, corridos como bandidos os filhos do claustro, lançados ao abandono e á fome milhares de indigentes que recebiam á portaria do convento o pão sem apparato nem foguetes, como agora, tentou-se desacreditar o frade. E o frade foi apontado ás modernas gerações como um ente inutil, um madraço de primeira força, e o convento descripto com as côres mais negras, mostrando-o um covil de ociosos e devassos, uma ca-

verna de vermes que roiam as arvores da liberdade.

E quasi todas as consciencias se venderam a essa propaganda infame, e quasi todas as pennas se pizeram ao serviço da Revolução; e as turbas, enganadas pelos filhos das trevas, por esses soldados de Satanaz, tiveram odio ao frade, horror ao convento, e maldiziam uma e outra cousa, esquecidos do pão que lhe ia mingando, da fome que lhe devorava os filhos, da instrucção que lhe tiraram para ser patrimonio unicamente dos protegidos da fortuna, muitos dos quaes enriquecidos á custa dos despojos do convento.

Riam-se do frade e maldiziam as paredes derruidas do convento, mas os andrajos principiam a cobrir uma povoação de miseraveis, e com o fechar da porta do sanctuario o pobre encostou-se ás portas blasonadas dos ricos e ficou alli a teritar de frio e a morrer de fome, e os filhos dos pobres, que não tinham instrucção gratuita na escola do convento, foram enfiados á proa dos navios e transportados ás praias americanas, onde morriam aos milhares, para dar lugar na patria aos filhos dos grandes, por quem se repartiram os empregos que outr'ora eram patrimonio dos pobres.

E o povo continuava a vir em meio da sua miseria, e as gazetas não paravam no seu caminho de revolta contra o habito do frade e a touca da freira.

Campeou então a devassidão por toda a parte, nos theatros, nos bailes, nas praças publicas, e dos theatros, dos bailes e das praças fugia-se para as tabernas e para os lupanares.

Fez-se uma sociedade nova, mas uma sociedade a cair pelas ruas de dia, ou a encostar-se ás esquinas onde dá o sol, caçados das orgias da noite, ou a dormir em leitos luxuosos, se eram ricos, a recuperar o descanso perdido nos bailes ou nos passeios noturnos em saturnaes orgias.

Era assim a sociedade quando principiam de ver-se os primeiros habitos religiosos pelas ruas, onde a liberdade asoldadára a plebe para apedrejar o ministro do Senhor!

Escriptores sem consciencia, creados nos bordéis e nas casas de jogo, publicavam romances em que ensinavam o caminho para todas as paixões ruins, creando com a sua leitura uma sociedade deserente, que escarnecia da virtude e abraçava todos os vicios.

Depois, quando o mundo lhe dava tristes desenganos queriam fugir, procuravam um refugio, um asylo onde

viver em paz; mas o convento causava-lhes horror e estava fechado, e achavam, como unico remedio o suicidio!

Contaram-se aos milhares estes attentados contra as leis divinas e humanas, e as gazetas, ateando mais esse facho da Revolução e da descrença, pintavam com romanticas cores os suicidios, para despertar o desejo de mais suicidios.

Oppondo uma barreira a este desfazer da sociedade apparece de novo a instrucção religiosa em meio do nosso paiz, instrucção barrida das escolas pelo marquez de Pombal, primeiro, e depois pelos revolucionarios de 1834.

Padre Carlos Rademaker e algumas senhoras estrangeiras abrem uma nova era para a instrucção publica, e Portugal para um pouco no seu delirante caminhar. E ás primeiras contrariedades, no primeiro desgosto que o mundo dóra a essas creaturas que haviam bebido uma solida e christã instrucção, desejam abandonar o mundo, e, crentes em Deus dirigiram-se para a portaria do convento. Estava fechada, porque as leis em nome da liberdade, a mandáram trançar.

Desejava-se de novo o convento.

E as que se desejavam desposar com Jesus, e que quizeram abandonar o lar e a familia, tiveram que abandonar tambem a patria, e foram, transpellido as fronteiras, abraçar-se á cruz em terra estrangeira!

O convento era necessario.

O jornalismo atheu, ao narrar qualquer d'estes factos investia contra os padres, contra os jesuitas, contra o fanatismo e blasphemava, como fizera ha pouco quando uma senhora, filha do nobre Visconde de Alenteim se fóra longo da Patria para receber o habito da religiosa, com premissão e pela vontade de seu pae.

Então berraram muito, choraram pela filha querida do nobre titular, e lamentaram que ella, a candida filha do Senhor não tivesse compaixão das lagrimas do pae, e fugisse contra sua vontade para longe da familia.

Choravam, os filhos das trevas, porque a formosa vergonteia da casa de Alenteim, não foi procurar refugio nos prostibulos, ou na vida aiçada que tanto agrada aos gazeteiros. Se ella desse este passo, com o qual enodoaria para sempre o csendo de sua familia, nada diria a imprensa séria; mas como ella foi para uma congregação religiosa os gritos foram desesperados.

Nos tambem sentimos a dor do nobre Visconde e de sua familia nobilissima, ao verem partir para tão longe a juvenil senhora; mas por isso

mesmo nos conspiramos contra o liberalismo e nunca, enquanto nas veias nos girar uma gotta de sangue deixaremos de lhe fazer guerra, de o apontar ás presentes e futuras gerações como a ruina da patria, a deshonra do nome portuguez.

Quem roubou a filha do senhor de Alenteim foi o liberalismo, porque se o liberalismo não techasse as portas do convento em Portugal a vocação da gentil senhora cumpria-se aqui, e em Guimarães ou no Porto, as duas cidades mais proximas de Alenteim recebiam n'um de seus conventos a Virgem do Senhor, e o pae, a familia, as amigas tinham o prazer de vel a, abraçal-a muitas vezes.

Não foram os padres, os jesuitas, que roubaram do nobre solar a filha e a irmã querida; quem a roubou, quem tirou mais uma filha illustre a Portugal, fosteis vós, soldados do atheismo, que em nome da liberdade calcaes, com cynismo atroz, este povo que foi grande e livre. Fosteis vós, corypheus do liberalismo, porque sois vós quem promove todas as desgraças, todas as villanias, todas as vergonhas porque está passando esta nação, que teve tanto de valente e nobre como de christã.

Elias de Sampaio.

Coisas! Coisas!

SEMPRE que o horrivel dos grandes cataclismos que enlutam a humanidade se apresenta sobre a terra, a cobiça, a ambição e o amor pelo ouro, se antepõem á caridade, á abnegação, ao amor pelo proximo. O anno passado, quando o cholera passeiava sinistro, seguido do seu cortejo de crepes e lagrimas, por algumas provincias da França, nós vimos anteporem-se os interesses materiaes ao bem dos nossos irmaos, que caíam fulminados pelo terrivel inimigo. Os enfermeiros leigos recusavam-se a tractar os cholericos, e agora em Hespanha, em meio do medonho abrir e fechar de sepulturas, o deitar no leito colericos e levantar do mesmo leito cadaveres, apparece o cynismo infamissimo dos mercenarios! Horror!

O seguinte facto é digno de archivar-se: O alcaide de Aranjuez espediu para Madrid varios telegrammas pedindo praticantes de pharmacia para as boticas abandonadas pela morte de seus empregados ou proprietarios. O governador de Madrid convida os praticantes

do hospital a partir para Aranjuez, offerecendo-lhe 20 pezetas por dia (perto de 40000 reis) além dos seus vencimentos: mas d'entre todos só um se apresentou, exigindo 50 pezetas por dia!

Como satisfazer á exigencia do alcaide de Aranjuez? Se os praticantes não queriam ir, se os sub-chefes dos mesmos praticantes os não podiam mandar, que havia de fazer a auctoridade de Madrid? Deixar morrer ao desamparo milhares de hespanhoes que o cholera prostrava?

Não, não seria assim, porque a caridade christã, n'este seculo do metal e dos espiritos fortes, ainda se observa pura como a ensinara o Divino Mestre.

O Director do hospital dirige-se ao noviciado das Irmãs de Caridade de S. Vicente de Paulo, e expondo á Irmã directora o que pretendia, obteve logo a seguinte resposta:

«Não podemos negar-nos a ir onde a dor torna necessaria a caridade, e vamos tranquilladas para o perigo e para a morte, porque com ella cremos que chega a hora da recompensa que de Deus podemos merecer. Diga ao sr. governador que dentro de uma hora irão tres irmãs com practica de pharmacia e se essas morrerem irão outras e outras até que não fique uma só.»

E chamando tres Irmãs ordenou-lhe que partissem para Aranjuez, ordem cumprida no primeiro comboio, levando por unica bagagem as suas toucas e os seus rosarios. E que pediram ellas, essas santas mulheres, em troca do sacrificio? pediram que á noite, as deixassem ajudar as suas Irmãs que estão nos hospitaes, a tratar os doentes e resar para que termine a epidemia!

O que não pôde fazer a disciplina, as ordens do governo, o ouro, fel-o a abnegação de tres mulheres, envoltas no habito que por ahi é insultado!

Deixemos aqui os nomes das tres heroínas—Irmã Josepha Marcos, Irmã Carmen Iraeta, e Irmã Lorenza Ferrero.

Agora preguntamos aos poetas, aos prosadores, aos sabios, que tanto applaudem Victor Hugo, sem terem lido nada d'elle:

Qualquer d'estas pobres mulheres, d'estas filhas de sacrificio não valerá mais que o Victor Hugo, que nunca viveu senão para si? Não é uma d'estas mulheres mais digna de estatuas, mais digna dos respeito e da veneração de um povo?

Oh, santa caridade! Tu só, se

mais virtudes nos não ensinasse a Religião santissima de Jesus, eras bastante para fazer cahir de joelhos todas as gerações e todos os povos, e proclamar a divindade de Christo, embora sua santissima Mãe visse seus ossos dispersos pelos ventos dos seculos, como diria qualquer jornalista renani-ano da cidade que se mira nas aguas do Douro.

Oh, santa caridade christã! eu te bendigo, e sempre terei desejos de beijar a terra que tuas filhas calcam, porque só ellas são grandes n'este seculo de grandes cousas!

O nosso esclarecido collega e valente companheiro no exercito catholico, *A Nação*, como resposta a *Voz do Christão*, diz o seguinte em seu n.º 10,481:

« Lembram-se ainda nossos leitores do principal artigo da *Nação* do dia 3 do proximo passado mez de Junho?

Não se lembram talvez já e não nos sobeja hoje espaço para o reproduzirmos, pondo-lhe ao lado a resposta, que nos da a *Voz do Christão* (publicação mensal portuense) em seu numero do corrente mez, e que nos foi indicado, como coisa que nos dizia respeito. Seria esse o melhor modo, pela confrontação, de avaliarem aquella resposta.

Quem tiver a *Nação* e a *Voz do Christão* que confronte, e julgue o que nós dissemos, e o que o periodico portuense nos responde.

A este, sobre tal assumpto, é escusado dizer mais nada, porque ou não nos fez a honra de nos ler com attenção, ou se nos leu com attenção, não nos quiz comprehen-

der. E em ambos os casos, toda a discussão séria é impossivel.»

Fazemos nossas as observações do nosso collega lisbonense, porque tambem, como a *Nação*, ficou o *Progresso Catholico* sem resposta, e como no nosso campo não pôde ter cabida soldados que não teem a

vre não é catholico, não cabe onde a cruz se alevanta.

Boas noites senhores da *Voz*.

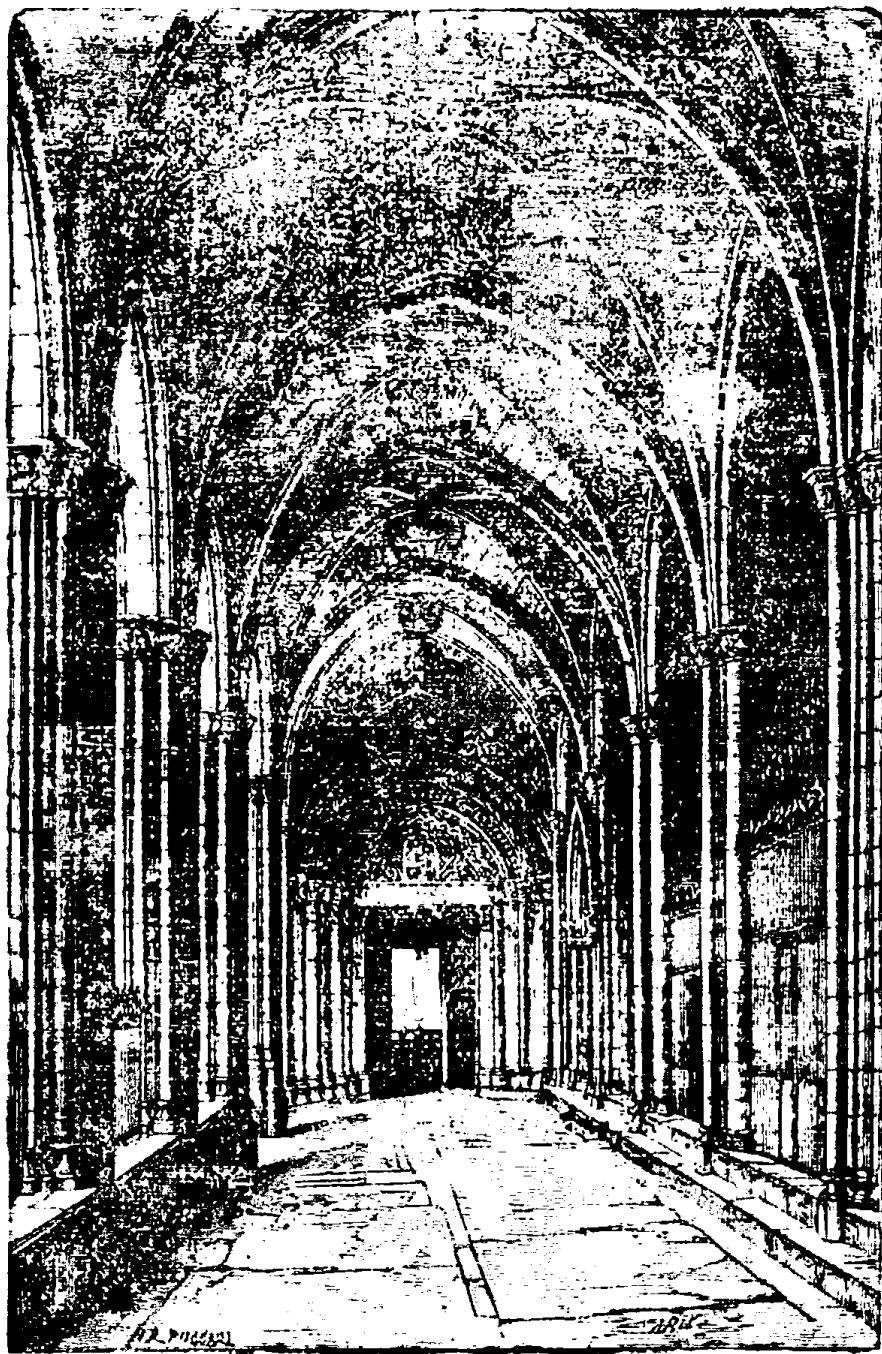
Dera-se ha dias um caso na cidade da Virgem, por escarneo chamada balurte da liberdade, que chamou desde logo a attenção do nosso collega da *Palavra* e de outros jornacs serios do paiz.

Acontece haver n'aquella cidade um padre à verdadeira altura do seu ministerio, como ha muitos felizmente, no Porto e em todo o paiz. E' o Rev.º Sr. Padre José Coelho da Rocha, sacerdote virtuoso e que passa a vida no confissionario, encaminhando as almas para o céu. Agradaria mais que elle andasse pelos cafés e pelos camarins das actrises, porque assim seria um padre illustrado, e, sobre tudo liberal.

A Revolução, ou antes o maçonismo, que no Porto, como por toda a parte costuma meter-se nas irmandades para fazer serviços à seita maldita, prohibiu o digno ministro do Senhor de exercer o seu ministerio na capella da Aguardente, onde os taes amigos da liberdade, são promoveram uma rusga igual à que dias antes exhibiram na casa do Bom Pastor.

Não transcrevemos a noticia da *Palavra*, que esse nosso collega é tambem tido por jesuita; reproduzimos antes da *Justiça Portuguesa*, noventa e ascorosa papeleta que se sub-intitula—*Folha do povo e para o povo*.

Ouçamos o pasquim revolucionario:



CLAUSTRO DA CATHEDRAL DE BARCELLONA

franqueza de catholicos nem a nobreza de cavalheiros, despedimos do nosso escriptorio a *Voz do Christão*, e não mais a Nossa Revista lhe será enviada.

Aqui combate-se de viseira erguida pela verdade e pela liberdade: quem não for verdadeiro nem li-

«Foi preso este jesuita no dia 27 na capella de Santo Antonio da Aguardente ou praça do Marquez de Pombal. Eis os motivos: O referido jesuita apresentou-se com uma procissão de bruxas beatas, d'aquellas que já não tem que dar ao diabo, para as confessar; conhecido o sotaina que é o mesmo da campanha do Bom Pastor da quinta Amarella, a irmandade de Santo Antonio, composta de cavalheiros muito liberaes, impozeram-lhe a negativa da tal confissão da bruxaria. O padre recalcitra, levanta-se questão, as peccadoras do sexto gritam, injuriam, voam alguns bancos pelo costado do jesuita e parceiras, intervem a policia, é preso o santo de Loyola e lá va a procissão para o commissariado geral. Sabemos que o casto Rocha foi posto em liberdade, as candongueiras procuraram outros côios; e assim a paz foi por esta vez facilmente restabelecida.»

«O padre jesuita já voltou à carga indo a um enterro resado na referida capella, certamente no intuito de provocar nova dôse de bancaria nas lombadas; e assim o leão va despertando até um bello dia que os jesuitas e governos fiquem desenganados... D. Fedes é prior, general prestimano, é prior só o mrmeleiro e sobreiro é que continuam com os mesmos nomes.»

«A irmandade de Santo Antonio, tão digna e solícita em promover a instrução e protecção das creanças, pedimos como se pede um remedio supremo, para continuar com a mesma energia e decisão contra a bruxaria negra de Loyola, quando se dê occasião identica, não faça ceremonias, lance mão do poder executivo da magestade sobreiro e é dar, dar da coroa para baixo até reduzir essa porcaria religiosa e offensiva a Deus, a agua de Lourdes. Comprehendem a receita...?»

Ahi fica descripto por um revolucionario o attentado mais estúpido praticado pelos filhos das trevas contra os apóstolos da luz, e contra os catholicos portuenses, e ahi fica tambem, n'essas linhas escriptas com petroleo, o programma do futuro do clero em Portugal.

Damos os parabens ao Rev.º Sr. Padre José Coelho da Rocha, amigo do *Progresso Catholico*, por ter taes inimigos; porque quem provoca a raiva e o desespero de tal gente, digna de habitar na Cafrraria, bem merece de todos os homens de sentimentos nobres, é digno dos respeito de todos quan-

tos tem pundonor e dignidade, e mais digno ainda das recompensas que Deus costuma conceder aquelles que pelejam constantemente pela Igreja, pela liberdade, pela civilisação.

Um leitor de Gazetas.

Que falta fazem os frades ?

XVI

(Continuando de pag. 181)

Reflexionemos um pouco.

A quantos d'esses infelizes teria salvado a franca hospitalidade do convento? E, se assim é, dizei-me, porque não poderá haver uma margem, uma praia aberta para esses naufragos da burrasca do mundo? Por que não ha de poder um homem, matar ali, n'aquella casa de paz, e sepultar n'ella para sempre suas paixões com um voto solemne que o separe perpetuamente do seculo e o faça superior a suas proprias veleidades, antes que matar seu corpo e condemnar sua alma; disparando uma pistola ou cravando no peito um punhal?

Aqui deixamos provado que a falta das casas religiosas é para o individuo, como para a sociedade um vacuo immenso, e que só ellas podem encher.

É no dia em que a divina Providencia approuver abrir na Peninsula essas santas casas, que em má hora foram cerradas, no dia em que de suas ruinas outra vez se levante em nossas povoações e em nossas campinas o consolado asylo, o santo mosteiro, então se verá a necessidade que d'elle sentiam as presentes gerações. Ver-se-ha então de todos os lados correr alegre e contente a juventude em busca da paz, do socego, do recolhimento e da solitaria actividade intelectual, em troca da vertigem espantosa, da febre, do agitação continuo em que a tem trazido as continuas revoluções.

Ver-se-ha então que são estreitos os recintos sagrados para contar a enorme multidão que se agrupará às suas portas; então se verá, e cremos que se ha de ver esse suspirado dia, então se verá, então se ha de conhecer a necessidade que havia d'esses tão calumniados conventos, que se nos tem pintado como focos de vergonhosa ociosidade, de machiavellicas intrigas. Assim tem acontecido em todas as epochas que a historia marca, e assim aconteceu em França depois

de passado o primeiro tufão revolucionario. Então a grande congregação Trapista encerrou dentro de seus silenciosos muros centenares de monges que no mundo se haviam tornado celebres por seu nascimento, por seu saber, por seus feitos militares e tambem pela fama de suas façanhas escandalosas. E a Inglaterra, esse paiz por desgraça sua presa do protestantismo, onde não ha muitos annos se castigava com prisão e multas aquelles que commetiam o *grave delicto* de ouvir missa, conta hoje mais de cem mosteiros de homens e mais de duzentos e cincoenta de mulheres, cifras bastantemente numerosas e capazes de fazer estremecer em seus sepulchros os ossos de Isabel e Henrique VIII, que julgaram, pobres loucos, ter acabado para sempre n'aquelle estado o catholicismo.

Nos Estados Unidos, em meio da sua organização democratica, praticada ali ao menos, com certa lealdade, tem tido os conventos um progresso espantosamente admiravel, podendo considerar-se o frade, n'aquelle paiz de verdadeira liberdade, tão livre, tão estimado, como o era na Peninsula hespanica no tempo de Philippe II e da Inquisição.

Concluimos, por tanto, e sem medo de nos enganarmos, que os frades tornarão a ser uma classe social das mais queridas e respeitadas em nossa Peninsula, e em epocha não mui distante. Requer, porém, mais desenvolvimento este ponto, e para isso abramos novo capitulo.

(Continúa).

D. Feliz Saldá y Salvani.

SECÇÃO LITTERARIA

Por occasião d'uma trovoadá

E' tenebrosa noite. Extincto ou baço
As estrellas e a lua têm seu lume;
O ar opprime e afoga, e o seu negrume
Rompem centelhas lividas a espaço.

No solo a chuva em grossas pingas sôa;
Estala o raio com fragor tremendo;
Ribomba do trovão o accento horrendo,
E de ecco em ecco atterrador rebôa.

Se a humana sciencia é tudo, ó sabio, apaga
Esse fogo indomavel, mysterioso;
D'essa voz calla o som rouco, profundo...

Não! Prostra-te, e de humilde louvor paga
Tributo ao Braço todo-poderoso,
Que rege a immensa machina do mundo!

Porto—Julho de 1883.

A. Moreira Bello.

GRACIA

ou

A CHRISTÃ DO JAPAO

CAPITULO XIII

Um livro aberto

Havia terminado o mez de Maio, e Mirka, que em todo elle não havia faltado uma só noite á igreja de Osaka, preparava-se agora para receber o Baptismo.

Como havia logrado vencer a resistencia da princeza em deixal-a sahir? Nem o sabia, nem curava de averigual-o: só sabia, que no dia seguinte ao da sua conversação com a princeza, esta a chamou, e em vez de reprehendel-a ou prohibil-a que frequentasse a igreja dos christãos, antes lhe disse, que podia fazer o que lhe parecesse, com tanto que nem a compromettesse, nem tornasse a fallar-lhe da religião de Jesus.

Talvez, durante aquella noite, houvesse pensado, que não devia oppor-se a que Mirka buscasse a felicidade na doutrina christã: talvez imaginasse, que o prohibil-a de sahir seria feril-a no coração e excitall-a a que mais e mais perseverasse no seu intento; ou então talvez quizesse submettel-a á experiencia do tempo, e experimentar se este apagava a primeira impressão, que as imagens e ensinamentos christão haviam causado em sua alma ingenua; fosse porque fosse o que é certo, é que sem dar-lhe explicação alguma, lhe concedeu a liberdade e licença, que almejava.

Escusado é dizer, que Mirka aproveitou admiravelmente a liberdade, que lhe concedeu a princeza. Como sabia ler, o irmão Vicente lhe deu o Cathecismo, escripto em japonês por o P.º Torres, e em oito dias o aprendeu perfeitamente. Tanto sua doutrina, como as explicações do Irmão e as praticas do P.º Céspedes, gravavam-se tão fundo em sua alma, que o P.º dizia, que não havia encontrado nunca um coração tão bem disposto para receber os divinos ensinamentos, como o de Mirka. Para ella tudo era facil, nada apresentava difficuldades, e nem os mysterios a espantavam, nem os preceitos e conselhos evangelicos a detinham; era que, desde o primeiro momento, que sentiu em seu coração o toque da divina graça, se entregou completa e inteiramente a ella, e não tinha outros cuidados senão apressar e accelerar seus effeitos.

Assim passados só quinze dias de instrução, pedia com tanto ardor o Baptismo e entrava tão bem disposta a recebê-lo, que o P.º Céspedes não encontrou outro motivo para retardal-o senão o dizer-lhe, que tinha de esperar pelos demais cathecumenos, que tinham de baptisar-se no fim do mez.

Ainda assim e apesar de tudo, Mirka objectou, que era conveniente recebê-lo quanto antes, porque, ou a rapida e inesperada volta do principe Jecundono, ou uma alteração no consentimento e licença de Gracia, podiam impedil-a de voltar á igreja e ficar por isso privada do Baptismo.

—Nada temais, disse o P.º Céspedes; quando Deus vos tem chamado tão fortemente, e vos ha proporcionado d'um modo tão admiravel e singular, os meios de sahir da idolatria, não deixará incompleta a sua obra. Se surgirem difficuldades serão para provar-vos, e se vos não deixar vir aqui, não faltarão peixeiras ou pescadores, que entrem no palacio do principe, e que, com uma concha das do seu uso, vertam e derramem sobre vossa fronte a agua regeneradora.

Com este dito, alludia o P.º á providencial scena da peixeira, que proporcionou a Mirka o meio de ir á igreja; e a menina, que, desde que começou a amar a Deus, sabia muito bem o quanto o Senhor cuida de suas creaturas, ficou franquilla e esperou resignada até ao fim do mez, deleitando-se e recreando-se antecipadamente no seu Baptismo.

Havia, todavia, um facto, que amargurava muito a felicidade de Mirka. Era a indiferença que Gracia demonstrava para com o Christianismo desde a noite da sua conversação. A princeza, que com tanto anhelo desejava antes conhecer os christãos, e que havia manifestado tão ardentes e vivos desejos de aprender a religião de Jesus, nem sequer casualmente agora tinha tornado a fallar d'ella. E a tristeza, que esta indiferença causava á joven era tanto maior, quanto julgava, que, por imprudencia ou precipitação sua, havia occasionado o desvio da princeza.

Precisamente desde que Mirka começou a amar a Jesus e a sua Santissima Mãe, sentia um desejo ardente de que todos os mortaes os conhecessem e amassem, e especialmente as pessoas que lhe eram affeiçãoadas. E como a ninguem amava como a Gracia, a ninguem

desejava vêr tão depressa convertida como á princeza.

O coração d'esta, porém, parecia duro como uma rocha para a verdade. Fallava todos os dias com Mirka, tratava-a carinhosamente, demonstrava-lhe ás vezes maior affecto, mas nem uma palavra lhe dizia sobre a religião christã. E como Mirka, não pensava nem podia pensar n'outra cousa, porque sua alma superabundava em amor a Jesus, passava e soffria as maiores torturas, que imaginar-se podem, para não fallar d'Elle a cada passo. Duas ou tres vezes rompeu o silencio e começou a fallar, mas outras tantas mudou de conversa a princeza, dizendo-lhe, que se não queria tornar a incomodal-a, não lhe fallasse mais d'isso; e como com incomodal-a perdia muito Mirka, sem poder conseguir nada, calava-se e até procurava dissimular seu desgosto.

Mirka julgava, que desde que se fiz christã a despresava, por o que se affligia e chorava a sós; mas depois exclamava:

—Ainda que ella me despreze e o mundo inteiro serei christã e amarei ao meu Jesus, que tantos desprezos por meu amor ha soffrido.

E logo se compadecia da cegueira da princeza, e pedia a Jesus e a Maria, que lhe abrissem olhos e lhe dessem a conhecer a verdade.

A afflicção, todavia, augmentou de tal sorte, que se lhe manifestava no semblante. O P.º Céspedes conheceu, que alguma cousa de circumstancia e de gravidade passava na alma da joven, e temendo, que fosse alguma duvida ou astucia do demonio para impedir-lhe o baptismo lh'a perguntou com interesse; mas logo que se inteirou de que o zelo pela conversão das almas era o que a atormentava, admirou-se da rapidez com que n'ella operava a graça divina, e procurou tranquillal-a. Quiz saber por miudo de tudo o que dizia respeito á princeza, e quando sube, que esta era philosopha, e sábia, e grande leitôra, e algum tanto jactanciosa, franziu o semblante e disse:

—Mau, mau, essa gente é a mais difficil de converter.

—Então não tendes esperança! exclamou tristemente Mirka.

—Quem é capaz de pôr limites ao poder de Deus? Philosophos e sabios se convertem agora e se tem convertidô sempre; é que resistem mais á graça do que a gente simples.

—Mas a princeza, apesar da sua philosophia, é simples e boa, e tem

um coração magnânimo, e deseja sinceramente conhecer a verdade, segundo varias vezes me tem dito.

—Bom, bom, --replicou benevolmente o Padre, e depois acrescentou: — Ella sabe que vindes aqui todas as noites?

— O' se sabe: com auctorisação sua é que eu venho.

—Muito bem, muito bem; então estamos mais adeantados do que pensavamos.

— Tendes esperanças? perguntou vivamente Mirka.

(Continua.)

Versão do P.º Lima.

SECÇÃO ILLUSTRADA

I

Aguas Boas, estabelecimento balnear em França

Quando tanto se falla em banhos, e na occasião em que se projectam grandes melhoramentos no estabelecimento thermal de Visella, essa fonte riquissima de milagrosas aguas, achamos acertado reproduzir, por meio da gravura o grande estabelecimento que em França se denomina das «Boas Aguas».

A edificação d'este vasto e elegante estabelecimento data de 1846 e foi feita junto á rocha de onde brota a agua, e fica hoje lado de uma das ruas principaes da povoação a que deram as aguas o nome.

São ricas estas aguas e a ellas concorrem muitos povos de Hespanha, de toda a França e da America.

O viajante que de Portugal quer ir a estas aguas atravessará os Pyreneus em caminho de ferro até Pau e d'ahi em carruagem n'uma distancia de 44 kilometros.

Aguas Boas tem hoje magnificos hotéis e os seus visitantes passam ali dias de saudosas recordações. O mesmo nos parece acontecerá aos que visitam Visella, que, se não tem um estabelecimento como aquelle, tem uma vejetação esplendidamente luxuriante, regam-a as aguas do Visella, d'esse rio tão fresco, orlado de tantos verdores, assombrado por tantos bosques, o que a faz dispensar o lúxuo edificio de Aguas Boas, todo edificado com marmore.

II

Claustro da cathedral de Barcelona

Não sei se o «Progresso Catholico» deu a seus leitores a descripção da grande cathedral de Barcelona, em Hespanha, esse paiz das grandiosas cathedraes, mas se a não deu, não lhe fallará occasião de a dar quando illustrar suas paginas com a gravura correspondente. Hoje só queremos acompanhar de algumas linhas a gravura que representa o claustro da referida cathedral.

E' magestosa esta obra e um primor de architectura. As columnatas immensas e os rendilhados que as embellezam, o archedado das abobadas e os lavores de suas portas, dão-nos a certeza de que as artes não tiveram ainda uma epoca de prosperidade e aperfeiçoamento, como essa em que a piedade dos reis e dos povos, erguiam á honra de Deus e dos Santos as mais sumptuosas egrejas.

Hoje podem fazer-se bem educados salões para um baile, magnificas casas onde os parlamentos se entretinham á custa do povo; mas obras monumentaes como essas que a antiguidade nos legou; soberbas arcarias arrendadas, extensas, sublimes de magestade e grandeza, similhando uma floresta de pedra tralhada a buril, isso é que o seculo das luzes não pôde dar-nos, e por felizes nos devemos ter, se elle, ao menos, nos não arrazar as que temos.

A nossa gravura dá ideia clara d'essa arrojada architectura, d'essa imponente claustrada, e por isso dispensamos de mais detalhes, que reservaremos para outra occasião.

L.

SECÇÃO NECROLOGICA



Mais um assignante do «Progresso Catholico» voou á mansão celeste para receber o premio dos seus trabalhos em prol da humanidade.

No dia 13 de maio falleceu em

Macau, victima de um ataque apoplectico o Exm. Snr. João Jacques Floriano Alvares, cavalheiro de muita piedade e caridade, cujas praticas exercia conjunctamente com os seus deveres de medico, tratando gratuitamente os pobresinhos, custeando-lhes ainda as despezas de pharmacia, e prestando-lhes todos os demais socorros que dependiam de si e de sua familia, como elle desvellada pela indigencia.

A morte, manejando a foice tremenda, riscou seu nome d'entre os amigos do «Progresso Catholico», deixou uma lacuna, que custará a preencher em Macau, e enlutou uma familia respeitavel por sua caridade, a quem enviamos a expressão sincera do nosso pesar, fazendo aos numerosos leitores da nossa Revista o appello costumado — pedindo suas orações pelo catholico fallecido, pelo pae dos pobres, que da bemaventurança se não esquecerá de nós, que ainda peregrinamos por este vale de lagrimas.

RETROSPECTO DA QUINZENA

FESTIVERAM em Guimarães e fizeram-nos a honra da sua visita na passada quinzena os seguintes assignantes e amigos do «Progresso Catholico»:

Os Revd.™ Srs. Padre Manoel Pereira Leite, de Louzada; Padre Manoel Gonçalves Pires, de Basto; Padre Joaquim José Soares, distincto collaborador da nossa Revista; Padre João Pedro d'Almeida, de Vagos, Abade de Padim da Graça; e os Exc.™ Srs. Francisco Manoel Henriques, dos Arcos de Valle de Vez; Antonio José da Silva Mendes, de Santo Thyrsó.

Em digressões de recreio, ou de passagem para banhos, é sempre fertil esta quadra do anno em visitantes a Guimarães, e d'entre elles sempre alguns amigos nossos veem tambem, com o que nos comprazemos.

A intenção geral no mez d'agosto para os associados do Coração de Jesus e para todos os catholicos é—A UNÃO DOS CATHOLICOS.

Se no mez passado se orou pelo triumpho do Papado, que é o triumpho da unidade catholica, bom é que neste mez as nossas orações sejam por esta causa, a de que depende o triumpho da Igreja sobre a Revolução, personificada na Maçonaria.

Unamo nos todos para combater o inimigo commum, e combatamo-lo pela palavra, pela escripta e por todos os

meios justos, e sobre tudo pela oração quotidiana que n'este mez é a seguinte:

ORAÇÃO QUOTIDIANA

O meu Jesus, eu vos offereço, por meio do Coração Immaculado de Maria, as orações, as obras e os soffrimentos d'esto dia, em reparação de nossas offensas e por todas as outras intenções do vosso divino Coração.

Eu voi-as offereço em particular pela libertação do Pastor Supremo da Santa Igreja, affin de que as alegrias do triumpho sejam bem depressa proporcionadas ás amarguras presentes da provação.

A intenção de Setembro será *o Clero parochial*.

Louvemos ao Senhor que vae dando Prelados dignos a este povo que timbrou sempre de bom catholico, que sempre fora respeitador das verdades pela Igreja ensinadas, mas que caminhava para a mais atroz das indifferenças porque lhe faltava o sal da terra a luz do mundo.

Louvemos ao Senhor, lendo a seguinte noticia, que ao nosso presadissimo collega a «Ordem», fora enviada do Trancozo:

«Participo-lha que no dia 29 de junho ultimo deu entrada n'esta villa o muito respeitavel Bispo da Guarda, em visita a este Arciprestado, sendo recebido por todo este povo, auctoridades judiciaes e administrativas, clero e pessoas principaes d'esta villa com as maiores demonstrações de regosijo.

«No dia 30 fez a visita aos templos em procissão concorridissima, pelas tres corporações aqui existentes da Confraria do SS., Ordem Terceira de S. Francisco e Misericordia, acompanhada pela Camara Municipal, todas as auctoridades e immenso povo que affluu das povoações proximas, esmerando-se todos os habitantes das ruas do transitio da procissão em adornal-as com arcos, festões e adamascar as janellas ornamendo-as com bandeiras, o que tudo fazia uma vista surprehendente, e mostrava o grande regosijo em ter esta villa dentro em si o illustre Prelado da Igreja Catholica e seu Pastor.

«No dia 1 e 2 do corrente administrou o SS. Sacramento do Chisma a que concorreram mais de duas mil pessoas, e hoje principia a visita das mais freguezias do Arciprestado, deixando todas as pessoas d'esta villa penhoradas pela delicadeza e affabilidade com que as recebeu.»

E para confirmar o que acima dis-

semos, lea se tambem com prazer e louvando a Deus, o seguinte, transcrito de um jornal de Lisboa:

«No dia de S. Pedro, dia perfeitamente escolhido, começou a sua visita pastoral Sua Em.^a o Snr. Cardeal Patriarcha, como estava annunciado.

Foi á Sé Patriarchal, como era proprio, e como prova de subida consideração para com um cabido tão illustre como elevado em honras, que n'esta parte excedeu a todos os do mundo, a primeira que recebeu esta honra e graça do Nosso Venerando Pastor.

A visita foi começada no maior rigor liturgico, e como o ordena o Pontifical Romano.

O Em.^{mo} Prelado, depois de dar entrada no seu camarim, e de se paramentar ali sahi procissionalmente pela porta lateral, dando entrada pela porta principal debaixo do palio.

Depois das orações, assistiu S. Em.^a á missa do Cabido no seu throno.

Ao *lavabo*, collocada a sede gestatoria no meio do altar, fez n'ella S. Em.^a uma pratica, saudando o Cabido, que lamentava vêr tão minguado de pessoal, não só pelas prerogativas que gosava o Cabido da Sé Patriarchal, como tambem porque era vergonhoso o estado actual de tão illustre corporação, principalmente na capital do reino fidelissimo, onde a corte, os representantes das nações estrangeiras tinham occasião de presenciar este estado lamentavel de coisas, e fazer menos favoravel conceito da nossa fé e religião.

Que não obstante as palavras e promessas de remediar este mal, tantas vezes feitas e não cumpridas, esperava que d'esta vez o governo de Sua Magestade, por sua honra e dignidade, não havia de faltar á palavra empenhada, como era justo.

Fallou depois sobre os deveres que a visita impõe aos Prelados, e que elle se esforçaria por cumprir; entre os quaes avultava a administração do sagrado Chisma e o suffragio pelos mortos.

Finda a missa, sendo a cadeira gestatoria conduzida até aos cancellos da capella-mór, d'alli administrou o Santo Chisma a perto de cincoenta pessoas, pela maior parte senhoras.

Depois seguiram-se os mais actos ordenados pelo Pontifical, em conformidade do qual nós n'outro lugar publicamos um artigo sobre a visita.»

Recebeu o grau de doutor em theologia, pela Universidade Pontificia Gregoriana, o muito Rev.^{mo} Snr. P.^o Theotónio Manoel Ribeiro Vieira de Castro, que fora distincto alumno do seminario do Porto, d'onde fôra para Roma, por escolha e determinação do Em.^{mo} Snr.

Cardeal D. Americo, para entrar no Almo Collegio Caparnica, onde se tornou distinctissimo, onde renovou a consideração em que sempre foram tidos na cidade eterna os filhos d'esta fidelissima nação.

Damos os parabens ao novo e distincto doutorado e almejamos vel-o n'esta terra, como o vimos antes da sua partida para a cidade dos Papas por occasião da sua romaria ao sanctuario do glorioso Arcebispo Martyr S. Torquato.

Morreu ha pouco no convento de S. Vicente de Paulo, em Londres a Irmã da Caridade, Soror Maria, que entrará para o instituto na flor dos annos. Para se consagrar a Deus, para levar uma vida de sacrificios, vestio o tosco saial das filhas da penitencia e da abnegação, teve de despir as ricas vestes da mulher do grande mundo, trocou os commodos que dá a vida do rico e do grande da terra pela vida das esposas de Jesus, das irmãs dos pobresinhos.

Quereis saber quem era a Irmã Maria, antes de ser uma religiosa? Era a princeza Caraffa!

O Conselho Municipal de Pariz acaava de dar uma lição aos inimigos dos Santos e dos nomes dos santos. Sendo apresentada a proposta para que fossem mudados os nomes de todas as ruas de Pariz, que os tivessem de Santos, foi regeitada por uma maioria espantosa.

Aqui, n'este reino fidelissimo, se tal proposta fosse apresentada perante uma camara municipal era logo approvada; porque tem approvado cousas peores, e quem sabe o que se approvára de hoje em diante!

Não é permittido em varias cidades de nações christãs, que o Santissimo Sacramento seja levado procissionalmente pelas ruas, nem mesmo como ultima consolação dos fieis; mas em terras que não são de nações catholicas, onde a cruz se não eleva como signal de paz e liberdade, onde Mafoma substitue a Jesus Christo, dá-se ampla liberdade aos catholicos, ampla passagem ás su's pompas. Em dia de *Corpus*, na cidade de Constantinopla capital da Turquia e residencia do Gran Turco; n'essa cidade, que mostra aos raios formosissimos do sol oriental o crescente, que tanto terror causára em passadas eras aos christãos; n'essa cidade formosa, que invejam todas as nações, presenciou-se a procissão do Corpo de Deus, atravez suas ruas mais importantes com a pompa e grandeza, que nos descreve um jornal estrangeiro, da seguinte forma:

«A's nove horas da manhã, o revd.^o Snr. Rotelli, delegado Apostolico, celebrou missa resada. A's nove e meia principiou a desfilar a procissão, sainda

pela porta da cathedral, que dá para a rua maior, percorrendo as principaes ruas, havendo na de Djedidié, um elegante altar, que ali fôra erguido para descanço da procissão.

Todas as congregações religiosas de Constantinopla tomaram parte na procissão, assim como o clero secular.

As ruas achavam-se elegantemente empavesadas e as janellas cobertas de ricas colgaduras, mesmo as das casas que não pertenciam a catholicos. Nas ruas havia uma multidão espantosa de gente, e a procissão era acompanhada por mais de 12000 pessoas!

Isto aconteceu em Constantinopla, onde impera a lei do Islão, onde não é religião do Estado a Catholica Apostolica Romana, como por escarneo se diz em alguns paizes catholicos.

Tem passado encommodado o illustre Bispo de Vizeu. Fazemos votos ao cêo para que tão preclaro Prelado se restabeleça em breve, e imploramos as orações de todos os nossos leitores pelas melhoras de S. Exc.^a Rev.^{ma}

A meza da irmandade de Nossa Senhora da Oliveira, d'esta cidade, está enpenhada para que a festa da Padroeira de Guimarães e que por muitos seculos fôra tambem a protectora e predilecta da devoção dos nossos reis, quando elles emlavam mais de egrejas e praticas religiosas que de caçadas, bailes e theatros, seja feita este anno com a pompa e esplendor dos mais annos. Tudo está disposto para isso.

A musica será de aprimorado gosto e os sermões estão confiados, o de manhã ao Rev.^{mo} Padre José Antonio Ferreira Guimarães que os vimarauenses escutaram o anno passado na mesma festividade, e de tarde o Rev.^{mo} Padre Francisco Martins, licenciado de theologia na Universidade deCoimbra, e sacerdote assaz illustrado.

Finara-se em Monforte da Beira a Exc.^{ma} Snr.^a D. Maria da Purificação Capella Taborda, prima da Exc.^{ma} Snr.^a D. Maria Barbara Freire de Andrade, a quem enviamos sentidos pesames pela dor soffrida, e ainda que a linada senhora não era contada entre os numerosos assignantes do *Progresso Catholico*, nem por isso deixaremos de pedir a nossos leitores uma prece por sua alma.

Igual pedido fazemos para suffragar a alma do snr. Miguel Hermenegildo Veiga, major do 3.º de infantaria, fallecido em Lisboa no dia 12 corrente. O finado era parente proximo da Exc.^{ma} Sr.^a D. Maria José do Sacramento Veiga, religiosa de Santa Clara, em Santarem a quem damos sentidos pezames.

Foi recebido ha dias na Academia

franceza M. Duruy, ministro que fôra de Napoleão III e que em suas obras historicas tanto tem errado contra a Egreja. O discurso da recepção foi lido por Mons. Perraud, Bispo de Antun, actualmente director da Academia, discurso digno da fama de que goza o illustre Prelado. Com argumentos que ninguem poderá refutar combateu os ataques feitos á Egreja pelo ex-ministro do 3.º imperio, e os erros que espalhára principalmente na sua historia de Roma.

Noticiando este facto, que honra sobre modo o sabio Prelado, não podemos deixar de nos congratularmos com mais este triumpho da Egreja em meio da corrupção que esfacela a França.

O brado que o *Progresso Catholico* soltara de = A Roma! convidando os seus leitores a ir em espirito junto do tumulto dos apostolos protestar a sua fé e o seu amor pela Religião, pelo Papado, pela Egreja, foi, felizmente escutado, por **quatro mil cento e cincoenta catholicos**, que de bom grado se agruparam em volta de nós para ir espiritualmente a Roma!

E lá fomos todos offerter o nosso obolo de 20 reis cada um, formando uma somma de **85.000 reis** que serão entregues em Roma e applicados segundo o plano do programma que o *Progresso Catholico* publicara. E fomos tambem, com as nossas **4150 assignaturas** protestar contra os desvarios da Revolução, contra os roubos sacrilegos que se fazem á Egreja, contra os ataques cobardes que se fazem ao Vigario de Jesus Christo.

E para que se avalie o numero dos peregrinos que em espirito foram a Roma de todos os pontos do mundo basta dizer-se, que só de Guimarães não contando os nossos companheiros, foram mais de **30 mil** e que o producto das esmolas se elevou a mais de **600 mil reis!**

Se algum for capaz de organizar perfectamente uma manifestação de tal ordem em prol de algum deus da revolução damos-lhe um quebra-noz para a Paschoa.

Quando estava impresso o nosso passado n.º recebeu-se de Bolonha o seguinte telegramma, que nos foi communicado de Lisboa:

«Prior de Santa Ingracia, Lisboa.— O Santo Padre muito satisfeito pelo resultado esplendido da Peregrinação Espiritual. No dia 29 celebrará missa pela Peregrinação—pelos colectores e pessoas adherentes, vivos e defuntos recommendados. Dá a benção apostolica. Communico aos periodicos.

Ainda que quando estigmatizamos os infamissimos actos de nojento papelluxo d'Angra, o *Athleta*, e o proceder anti-catholico e anti-civilizador das autoridades de Roma o fizemos em nome de todos os leitores e amigos do *Progresso Catholico*, por isso que é a elles que nós representamos na imprensa, não podemos deixar de tornar publico o seguinte protesto que nos foi enviado por uma senhora, cujas virtudes admiramos e respeitamos, porque com a sua publicação affirmamos mais uma vez a fé de todos nossos amigos, e o pesar com que assistem a tantos atropelame do direito e da civilização dos povos.

Eis, pois, o protesto:

Nós abaixo assignados catholicos apostolicos romanos, e filhos submissos da Santa Egreja nossa Mãe, adherimos de todo o coração a todos os protestos que se levantarem a favor do virtuosissimo Snr. Bispo d'Angra, infamemente insultado pelo impio jornal angrense o *Athleta*, e curvados perante Sua Exc.^a Rev.^{ma} respeitadamente lhes beijamos o sagrado Annel, e firmemente o reconhecemos como digno successor dos Apostolos. E igualmente protestamos contra o impio decreto do Perfeito de Roma, prohibindo que o Santissimo Sacramento visitasse os enfermos da Cidade Eterna com a pompa devida a tão alto Sacramento.

Celorio da Beira, 21 de junho de 1885.

Maria do Carmo de Sousa, Antonio Bernardo de Sousa, Pedro Bernardo de Sousa, Joaquim Bernardo Sousa, José Bernardo de Sousa, Thomazia de Sousa, Antonia Mendes Sousa.

Continuaremos a publicar mais protestos e adhesões, que temos em nosso poder.

Por iniciativa da sympathica associação das Filhas de Maria, celebrou-se na egreja da Misericordia d'esta cidade, no dia 6 do corrente uma missa para suffragar a alma do virtuoso e sabio jesuita Padre Carlos Rademacker. Muitas das associadas receberam o sacramento da Eucharistia, applicado tambem como suffragio pela alma do instituidor de tão benemerita associação. O templo estava cheio de fieis e observava-se em todos o mais fundo recolhimento e devoção.

As Filhas de Maria ostentavam ao peito o distinctivo da associação—uma medalha com a imagem da Santissima Virgem, pendente de uma fita de seda azul.

J. de Freitas.

Acquadermi.